

# O MÉTODO DA HISTÓRIA ORAL: CONTRIBUIÇÕES NAS PESQUISAS COM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

MOREIRA, Suélem do Rozário<sup>1</sup>

## Resumo

As reflexões desenvolvidas nesse estudo orientam-se em torno da história oral e sua relevância nas pesquisas voltadas às comunidades quilombolas. O objetivo central consiste em analisar as potencialidades desse método investigativo na ressignificação dos saberes quilombolas, considerando que, entre tais comunidades é característico o processo de transmissão de conhecimentos, narrativas, e tradições por meio da oralidade. Observa-se nesses contextos, a permanência de elementos da cultura africana, entre os quais a oralidade se destaca como um valor estruturante da memória coletiva e do fortalecimento da identidade cultural, expressa em contos, músicas, danças e rituais. A adoção da história oral como metodologia possibilita não apenas a valorização das experiências individuais e coletivas, mas também a escuta e o reconhecimento de vozes historicamente marginalizadas. Nesse sentido, tal abordagem não se limita à documentação da história, mas configura um espaço de reflexão e diálogo, no qual as narrativas comunitárias podem ser confrontadas com as versões oficiais da história. Por meio desse processo, as comunidades quilombolas reafirmam seus direitos, reforçam sua cultura e consolidam seu lugar na sociedade contemporânea.

**Palavras-chaves:** História oral, comunidades quilombolas, método, memória.

## Abstract

The reflections developed in this study are oriented around oral history and its relevance in research focused on quilombola communities. The main objective is to analyze the potentialities of this investigative method in the resignification of quilombola knowledge, considering that, among such communities, the process of transmission of knowledge, narratives, and traditions through orality is characteristic. In these contexts, the permanence of elements of African culture is observed, among which orality stands out as a structuring value of collective memory and the strengthening of cultural identity, expressed in tales, songs, dances and rituals. The adoption of oral history as a methodology enables not only the appreciation of individual and collective experiences, but also the listening and recognition of historically marginalized voices. In this sense, such an approach is not limited to the documentation of history, but configures a space for reflection and dialogue, in which community narratives can be confronted with the official versions of history. Through this process, quilombola communities reaffirm their rights, reinforce their culture and consolidate their place in contemporary society.

## Introdução

O título dessa pesquisa emerge de uma motivação central vinculada a minha trajetória pessoal e acadêmica, o estudo de minha própria comunidade quilombola,

situada na região do Sapê do Norte, por meio do método da história oral. A escolha não é fortuita, mas responde a uma inquietação recorrente, a percepção do apagamento histórico, cultural e identitário que atravessa muitas comunidades quilombolas, sobretudo quando se trata da afirmação de identidades e ressignificação de saberes tradicionais. Nesse contexto, formula-se a problemática que orienta o estudo, como a história oral pode contribuir para a afirmação e ressignificação dos valores culturais quilombolas? A resposta a essa questão apresenta-se como desafiadora, mas encontra no próprio método, um potencial fecundo para suscitar reflexões críticas e provocar transformações no grupo pesquisado. Assim, o objetivo central dessa investigação é analisar as potencialidades da metodologia oral nas pesquisas em comunidades quilombolas, destacando sua capacidade de ressignificar narrativas históricas, fortalecer identidades coletivas e promover a autonomia epistemológica desses povos.

Em contextos quilombolas, a oralidade constitui um elemento estruturante na transmissão de saberes, práticas e memórias. Nessa perspectiva, a história oral ultrapassa o status de mera técnica de coleta de dados, configurando-se como um ato político e epistemológico de afirmação de sujeitos historicamente marginalizados. Ao valorizar narrativas de vida, contos, mitos, provérbios, memórias coletivas, essa abordagem permite acessar nuances culturais e dimensões da experiência social frequentemente silenciadas pelos métodos tradicionais de pesquisa, conforme destacam Meihy e Holanda (2020).

Ecléa Bosi (2003) enfatiza que a memória é um instrumento de resistência e de continuidade cultural, na medida em que permite aos grupos sociais reinterpretarem o passado a partir de suas próprias experiências e valores, ao integrar oralidade como fundamento metodológico é reconhecível o papel ativo das comunidades quilombolas na ressignificação de suas identidades e na reconstrução de suas trajetórias históricas. Ademais, a metodologia oral propicia o desenvolvimento de uma prática investigativa pautada em princípios éticos e horizontais, em que os próprios membros da comunidade assumem papel ativo na construção do conhecimento. Assim, a produção acadêmica não se restringe apenas no registro das narrativas, mas integra um processo colaborativo de reconhecimento identitário, valorização e saberes locais e fortalecimento da memória coletiva.

Integrar a oralidade como método e, simultaneamente, como objeto de estudo abre caminho para uma prática de pesquisa comprometida com a reparação histórica e a valorização de epistemologias quilombolas. Nessa perspectiva, a presente investigação buscará articular uma contextualização crítica de cada eixo temático, de modo a evidenciar a centralidade da oralidade para a afirmação identitária e ressignificação dos valores culturais das comunidades quilombolas.

## **1 Contextualizando a origem e definição da história oral**

A história oral é uma prática que remota aos primórdios da humanidade, anterior ao desenvolvimento da escrita, seu surgimento está associado à necessidade humana de compartilhar experiencias, transmitir saberes e construir identidades coletivas. Livros sagrados e narrativas mitológicas tem origem na oralidade. Com o advento da escrita, a oralidade não desaparece, mas passa a coexistir com as tradições escritas, em algumas culturas ganha status de privilégio e por vezes, ato sagrado, sem, contudo, eliminar o valor das tradições orais (Meihy, Holanda, 2020, p.92-93). A oralidade permitiu que diversas sociedades ágrafas preservassem suas histórias, mitos rituais e saberes. Em diversas culturas, ela permanece como forma vital de comunicação e afirmação identitária. As comunidades quilombolas constituem exemplos significativos de afirmação, pois consideram as tradições orais elementos essenciais para sua continuidade cultural e de sua memória coletiva.

Segundo Meihy e Holanda (2020, p.68), o reconhecimento da história oral como campo metodológico no âmbito acadêmico ocorreu, a partir do século XX, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, com destaque para as experiencias desenvolvidas na Universidade de Columbia em Nova York. Esse movimento foi impulsionado tanto por transformações sociais quanto pela valorização de vozes marginalizadas. A partir de então, historiadores passaram a reconhecer que as experiencias individuais e coletivas poderiam oferecer uma compreensão mais ampla e plural dos acontecimentos históricos. A história oral, portanto, fundamenta-se na noção de “história do tempo presente” compreendendo o passado como uma dimensão ainda viva do presente. Trata-se de um processo contínuo que, diferentemente da história oficial, não se limita à análise de documentos escritos, mas privilegia as experiencias e narrativas de sujeitos inseridos em diferentes contextos sociais, baseia-se na oralidade e na relação dialógica entre, estabelecendo e

entrevistado, estabelecendo vínculo de confiança que possibilita o compartilhamento de memórias (Dias, 2021, p.121).

Nessa perspectiva, a história oral está intrinsecamente relacionada à subjetividade, uma vez que as lembranças são influenciadas por emoções, contextos sociais e a memória coletiva, entendida como a forma pela qual grupos constroem e narram seu passado. Assim, o testemunho assume papel central sobretudo em contextos marcados por experiências de trauma ou injustiça, nos quais a voz do sujeito se torna instrumentos de resiliência e afirmação histórica. É possível observar que a história oral emerge em um contexto de intensos avanços tecnológicos, especialmente com o surgimento dos gravadores, os quais possibilitaram o registro e a preservação de narrativas individuais e coletivas. Nesse período, havia uma crescente necessidade de compreender experiências de guerra por meio dos relatos de ex-combatentes, familiares e vítimas, esses testemunhos orais tornaram-se fontes de grande relevância em contraposição às narrativas oficiais. Relatos orais eram de suma importância em detrimento as narrativas oficiais (Reinaldo, Saeki, Reinaldo, 2003).

Conforme descreve o professor e pesquisador **Antonio Torres Montenegro** em seu livro *História oral e memória* (2007, p.13) a história oral “desafia narrativas oficiais, permitindo que vozes silenciadas sejam ouvidas a parti de depoimentos e elementos que colabora na compreensão mais ampla e multifacetada da história produzida pela cultura oficial”. Com base nessa perspectiva torna-se imprescindível reconhecer que a história oral contribui significativamente para a formação da identidade e memória coletiva. As entrevistas e os testemunhos pessoais possibilitam captar nuances emocionais em contextos que muitas vezes não estão presentes nos documentos escritos. Por meio de relatos orais, os sujeitos compartilham suas histórias e saberes, colaborando para o fortalecimento do senso de pertencimento, dos laços sociais e da reafirmação de sua cultura.

## **2 A história oral como método de pesquisa**

A história oral, enquanto método de pesquisa, segundo Meihy e Holanda (2020, p.71-72), configura-se como algo que transcende de uma simples técnica. Trata-se de um procedimento sistemático e rigoroso de investigação capaz de assegurar resultados válidos e coerentes com os objetivos propostos. Os autores destacam que

a história oral deve seguir caminhos específicos e metodologicamente delimitados, atribuindo papel central às entrevistas, as quais recebem atenção especial no processo investigativo. Os testemunhos orais, portanto, constituem elementos fundamentos para a análise e interpretação dos dados. Ainda conforme os autores, para que a história oral seja efetivamente reconhecida como metodologia científica, é necessário um cuidado rigoroso na elaboração do projeto de pesquisa, na transposição do oral para o escrito e na análise dos resultados obtidos.

Com base nas considerações de Meihy e Holanda é possível compreender a importância da história oral enquanto método de pesquisa, pois seu principal propósito consiste em aprofundar o conhecimento acerca de aspectos vinculados a determinados grupos sociais, considerando o ponto de vista dos próprios sujeitos inseridos nessa realidade. Nesse sentido, a história oral permite que os participantes deixem de ser meros objetos de estudo para se tornarem sujeitos da pesquisa, a partir da valorização da escuta ativa e do diálogo. Seguindo a mesma perspectiva Tavares (2023, p.32) enfatiza que a metodologia é elemento essencial para o alcance dos objetivos nos processos de pesquisa histórica. Compete ao pesquisador, portanto, a utilização adequada dos instrumentos metodológicos, de modo a possibilitar a obtenção de resultados consistentes em investigações que empregam a história oral. O autor também recomenda o uso de entrevista semiestruturadas, as quais favorecem a coleta de informações por meio de um diálogo aberto e reflexivo.

Como o uso de entrevistas constitui um dos principais procedimentos metodológicos da história oral, Montenegro (2007, p.149- 150) apresenta o *Manual do entrevistador de história oral*, no qual descreve, de forma sistematizada, as etapas necessárias para realização de uma entrevista de qualidade. De acordo com o autor antes de iniciar uma entrevista é fundamental que os sujeitos entrevistados sejam devidamente informados sobre os propósitos e os objetivos, de modo que compreenda os temas que serão abordados. Cabe ao entrevistador obter a autorização formal do participante, mediante assinatura de um termo de consentimento, que lhe confere o direito a divulgação do conteúdo da entrevista, ainda que essa assinatura não seja de caráter obrigatório. O entrevistador atua como mediador no processo de ressignificação das memórias, relação essa que se encontra em constante transformação. Além disso, é imprescindível o compromisso ético do pesquisador em ouvir integralmente o que é dito, reconhecendo que o

entrevistado pode não corresponder às expectativas do pesquisador. Contudo é possível a intervenção do entrevistador quando houver falta clareza nas falas ou quando determinados aspectos despertarem especial interesse para a investigação.

Nessa perspectiva é possível observar a relevância das entrevistas no método da história oral, uma vez que, por meio desse viés, ocorre a ressignificação das memórias individuais e coletivas. Quadros, Karnopp e Cadoná (2022, p.226) afirmam que a memória, enquanto objeto de estudo perpassa diversas áreas do conhecimento, não se restringindo a um único campo. Seu conceito, embora presente no senso comum, adquiriu maior complexidade nas ciências sociais, pois não se limita à dimensão individual, mas também se manifesta de forma coletiva. Assim, a memória não constitui um fenômeno restrito ao passado, mas estabelece uma relação dinâmica entre o presente e os acontecimentos passados. Os autores destacam ainda que a memória individual se refere às experiências e lembranças pessoais, enquanto a memória coletiva resulta da soma das recordações e vivências partilhadas por um grupo. Ambas desempenham um papel fundamental na construção identitária e cultural. Nesse sentido é por meio das narrativas que os sujeitos compartilham suas histórias e saberes, contribuindo no fortalecimento do senso de pertencimento, a consolidação dos laços sociais e a reafirmação de identidades.

### **3 Importância das pesquisas em comunidades quilombolas**

Os povos quilombolas compartilham experiências e ensinamentos que são essenciais para a afirmação da sua identidade, possibilitando que as novas gerações adquiram conhecimentos sobre suas raízes, valores e práticas ancestrais. É necessário ter cautela quando a pesquisa envolve povos originários. Segundo R.S.M.A.S (2023, p.161) “a dignidade humana, respeito a autonomia, estão lado a lado com o comprometimento de uma pesquisa de qualidade, honesta e transparente, voltada aos direitos democráticos e de justiça social”, ao se referir às comunidades quilombolas esses compromissos tornam-se ainda mais intensos, considerando as particularidades de cada quilombo. Conforme destacam Wunder, Silva (2019, p.83) “as pesquisas em educação com comunidades indígenas e tradicionais envolvem um debate sobre ética[...]”. Dessa forma as pesquisas em comunidades quilombolas devem ser conduzidas com máximo de cuidado, respeitando o espaço desses povos e reconhecendo a relevância de sua identidade coletiva e cultural.

Nesse contexto, as práticas culturais e os saberes ancestrais enfrentam processos desafiadores e a história oral apresenta-se como método capaz de colaborar na afirmação e ressignificação desses valores. conforme afirmam Gonsalves e Lisboa (2007, p.87), “o método da história oral utiliza diferentes técnicas de entrevista para dar voz a sujeitos invisíveis e, por meio da singularidade de seus depoimentos, constrói e preserva a memória coletiva”. Enquanto método essencial, a história oral promove a escuta ativa das narrativas orais. Observa-se, ainda, tais pesquisas vêm conquistando espaço significativo no âmbito acadêmico consolidando a história oral como um campo de escuta e reflexão, contribuindo para a afirmação de saberes locais e para a construção de narrativas que expressam diversidade cultural.

A inclusão dessas vozes nos estudos acadêmicos pode proporcionar um entendimento mais profundo das realidades sociais e históricas, promovendo transformações significativas nas políticas públicas e na percepção da sociedade em relação a essas comunidades, como indica, Reis, Santos, Miranda, Azevedo e Soares (2019)

A utilidade do conhecimento produzido é relevante em qualquer pesquisa. Quando se trata da pesquisa com quilombos, é preciso ter em tela a utilidade não somente no que diz respeito ao avanço do conhecimento produzido na área, mas também, e sobretudo, a utilidade do conhecimento produzido para os quilombos. Os resultados podem converter-se em documento que contribui com o processo de garantia da titularidade das terras. A pesquisa pode também resultar como registro escrito de memórias para a composição do acervo das comunidades. Dessa maneira, a configuração do objeto de pesquisa precisa levar em conta os anseios da própria comunidade. (Reis, Santos, Miranda, Azevedo, Soares, 2019, p.169.)

É notável que essas investigações estão ganhando espaço relevante, a história oral tem se destacado como um importante método de escuta, contribuindo para a afirmação de saberes locais e para a construção de narrativas que refletem a diversidade cultural. Ademais, a inserção dessas vozes no campo científico possibilita uma compreensão mais ampla e sensível das dinâmicas sociais e históricas, promovendo uma transformação significativa nas políticas públicas e na maneira como a sociedade percebe essas comunidades.

## **Considerações**

No entanto, com base nas análises apresentadas, observa-se que a história oral constitui uma abordagem voltada à coleta narrativas pessoais e relatos de eventos históricos por meio de entrevistas. Em seu contexto histórico, está relacionada às práticas ancestrais de transmissão de conhecimento, tendo emergido no final da Segunda Guerra Mundial com objetivo de captar as nuances desse período. A partir desse momento, ganhou destaque nos âmbitos acadêmicos especialmente entre pesquisadores e historiadores que reconheceram sua potencialidade como método de pesquisa, sobretudo em estudos voltados a grupos historicamente marginalizados.

Verifica-se, ainda, que a história oral possui grande relevância em pesquisas direcionadas às comunidades quilombolas, a forma como conduz todo o processo revela-se facilitadora, ao proporcionar espaço de fala e afirmação, priorizando a escuta ativa e respeitosa, aspectos fundamentais na construção de um conhecimento mais plural e representativo. Ressalta-se, por fim, que pesquisas envolvendo territórios quilombolas demandam um olhar mais atento e ético por parte dos profissionais envolvidos.

## Referências

- MOTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada, 6 ed. São Paulo, Contexto, 2007.
- MEIHY, José Carlos Sabe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2° ed.,8° impressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- TAVARES, Leandro de Castro. **A história oral como método de pesquisa historiográfica aplicada sobre as folias de santo nas comunidades quilombolas em Óbidos-PA**, vol.12, n.10, p.29-39. Pernambuco: Boletim do tempo presente, 2023. <https://seer.ufs.br/index.php/tempopresente>
- DIAS, Danielly Meireles. **História oral como metodologia no estudo de culturas africanas**: a Comunidade Quilombola de Santo Antônio de Pinheiros Altos, Piraná MG, v.22, n.36, p.118-128. Belo Horizonte: caderno de história, 2021.
- QUADROS, Alessandro de; KARNOOPP, Erica; CADONÁ, Marco André. **Memória e identidade social em Comunidades Quilombolas**: uma análise das negociações da memória no Quilombo Rincão dos Negros-Rio Pardo/ Rio Grande do Sul, vol.18, n.2, p.223-245. São Paulo: Assis, 2022.
- REINALDO, Amanda Márcia dos Santos; SAEKI, Toyoko; REINALDO, Telma Bonifácio dos Santos. **O uso da história oral na pesquisa em enfermagem**

**psiquiátrica:** revisão bibliográfica, v.5, n.2, p.55-60. Goiás: Revista Eletrônica de Enfermagem,2023. <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen>

WUNDER, Alik; SILVA, André Luiz Ferreira. **Ética e pesquisa em educação: subsídios.** Pesquisas em comunidades indígenas, quilombolas e tradicionais, v.1, p.82-90. Rio de Janeiro, ANPED,2019.

REIS, Maria Clareth Gonçalves; SANTOS, Maria Walburga dos; AZEVEDO, Débora Rodrigues; SOARES, Edimara Gonçalves. **Ética e pesquisa em educação: subsídios.** Ética em pesquisa: educação e comunidades quilombolas, v.1, p.159-176. Rio de Janeiro, ANPED, 2023.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos.3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.